

Rosa Maria Sequeira
CEMRI – Universidade Aberta

Projeções e Desenvolvimentos da Comunicação Intercultural

Comunicação apresentada no I Congresso da Rede Nacional de Estudos Culturais, “Cartografias, Desafios e Possibilidades”, Universidade de Aveiro, 26 e 27 de maio de 2022

A diversidade faz-se notar nas sociedades modernas, tanto na vida quotidiana como a nível teórico no campo de investigação da Comunicação Intercultural, especialmente a partir dos anos 1990. Vários fatores contribuíram para tal:

1) A comunicação em rede

A tecnologia foi um dos fatores que mais contribuiu para o processo da globalização, alterando a comunicação entre pessoas e organizações. A comunicação instantânea ultrapassa fronteiras e coloca em contacto uma grande variedade de atores sociais. Os contextos de trabalho são cada vez mais multiculturais e virtuais, isto é, constituem um mesmo espaço de interação partilhado por pessoas que estão em lugares diferentes.

A literacia mediática e informática veio possibilitar a produção de mensagens em vários suportes, transformando o modo de leitura no ciberespaço e a espacialização da linguagem enquanto processos nos quais cada leitor pode deixar a sua marca visível. A publicidade e o cinema, que os Estudos Culturais privilegiam enquanto objeto de estudo, são também visados pela Comissão Europeia para a Educação que, além disso, considera fundamental o ambiente em linha. Autores que estudam a Comunicação Intercultural de uma perspetiva educativa como Darla Deardorff (2009) selecionam-no como ferramenta para promover o diálogo intercultural e dar visibilidade a grupos marginalizados, reconhecendo as suas virtualidades para a colaboração entre as pessoas na resolução de problemas que as afetam.

Efetivamente a cibercultura permitiu a transição de uma formação e educação institucionalizadas para uma situação de troca generalizada de saberes muitas vezes informal. A velocidade, a personalização e a aprendizagem colaborativa fazem parte de uma nova organização de aprendizagem que não apenas as universidades mas também uma nova geração de empresários pretendem implementar (Lévy, 1999: 170).

O alargamento das oportunidades de emprego e de aprendizagem é uma vantagem que normalmente se sublinha e que não deixa de suscitar o cuidado das empresas com a Comunicação Intercultural que, neste contexto, significa a capacidade

de comunicação das equipas de trabalho perante a finalidade funcional de se atingir um objetivo comum e potenciar as suas diferentes origens culturais para esse objetivo.

Já noutra ocasião me referi a modelos de competência intercultural que surgiram para estes contextos (ver Sequeira, 2016), nomeadamente o de Edward Hall no período pós-guerra que apresenta uma sistematização das culturas a partir dos parâmetros de contexto, espaço e tempo que mais tarde Hofstede e Trompenaars desenvolveriam com outros parâmetros, fazendo uma categorização das diferenças culturais a partir de questionários aplicados a funcionários da IBM.

Abro um parêntesis para referir que a reflexão de Edward Hall, sendo anterior, é mais compreensiva e abrangente. Na sua obra talvez mais influente, *The Silent Language*, (1959) Hall aponta um dos paradoxos da cultura: a cultura é um modo de comunicação, uma linguagem silenciosa que transpõe para palavras formas de comunicação complexas, não verbais e contextuais. A sua obra posterior, *The Hidden Dimension* (1969), segue esta linha na importância que dá à dimensão comunicativa que por sua vez teve impacto no modelo de Samovar e Porter (ver, por exemplo, 2007). Sem dúvida que o desenvolvimento da Pragmática e da Sociolinguística contribuiu para uma maior consciencialização da importância dos fatores culturais na comunicação através do estudo da sua componente não verbal como gestos, posturas e expressões faciais (que mostraram ser a parte mais influenciável culturalmente) e o estudo dos modos como a linguagem é afetada pelo contexto social que pode incluir expectativas dos interlocutores em relação ao grau apropriado de formalidade e cerimónia nas relações interpessoais.

Fechado o parêntesis, é de relevar uma nova área de investigação que tem surgido mais recentemente a partir desta preocupação com as equipas multiculturais em presença ou no espaço virtual. A área da gestão intercultural ("*cross cultural management*") tem hoje uma expressão muito significativa e convoca questões como os graus de diferença e similaridade entre normas culturais ou de manifestação dessas normas; proficiência na comunicação; diferentes expectativas ou comportamento efetivo na equipa; diferentes estilos de comunicação; diferentes estilos de liderança.

A par disso, emerge uma nova área de pesquisa proposta por Robert Shuter que dá conta de novas formas culturais que surgem da relação entre as tecnologias e a Comunicação Intercultural. Em "Intercultural New Media Studies: the next Frontier in intercultural communication" (2012), Shuter delinea duas subáreas de investigação, uma com foco nas teorias de comunicação, outra que pretende estudar a influência das tecnologias na cultura (2012: 220).

2) A mobilidade de pessoas, os movimentos migratórios e a sua influência nos currícula

Não apenas a comunicação em rede coloca as pessoas em contacto, mas a mobilidade efetiva que se traduz nas migrações e no turismo de massas. A mobilidade de pessoas oriundas de diferentes culturas resultou numa maior consciência crítica que adveio tanto do propósito de ensinar as tradições e o modo de vida do país de acolhimento aos imigrantes como do reconhecimento da necessidade de conhecer o modo de vida das comunidades de imigração e dominar pelo menos duas línguas estrangeiras. A acrescentar a isto, a expansão e a diversificação dos textos e objetos artísticos na globalização implicam lidar com fenómenos interculturais e multilingues. Daí alguns museus proporem programas educativos como o *New Museum of Contemporary Art* em Nova York (2011).

Na viragem para o século XXI ocorreu a mudança do paradigma comunicativo para o paradigma cultural no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras que se caracteriza, entre outros aspetos, por estabelecer a correlação entre a aquisição linguística e o conhecimento cultural associado à sua compreensão. Helena Araújo e Sá e Ana Isabel Andrade, da Universidade de Aveiro, têm dedicado um trabalho importante à especificidade do contexto linguístico e educativo nacional a partir desta nova tendência no ensino-aprendizagem de línguas. A nível internacional, é de relevar o nome de Michael Byram, a par de outros como Robert Galisson, Geneviève Zarate, Claire Kramersch e Lothar Bredella.

O Conselho da Europa publica regularmente e fomenta projetos em torno da competência intercultural no ensino de línguas. Em 2001 lança o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*, definindo os níveis de proficiência e as várias etapas de aprendizagem. São os desafios de comunicação resultantes de se viver numa Europa multilingue e multicultural que conduzem a que a abordagem intercultural seja central neste documento. A Comunicação Intercultural é um processo pelo qual um indivíduo desenvolve competências em múltiplas culturas e isto implica o reconhecimento das várias culturas a que ele próprio pertence. Ora esta noção implica uma outra: a de competência plurilingue e pluricultural que o documento enfatiza. É o objetivo geral de promoção do plurilinguismo e pluriculturalismo que está na base de toda a discussão acerca das várias opções curriculares e, na sequência, da competência plurilingue e pluricultural, “uma competência comunicativa, para a qual contribuem todo o conhecimento e toda a experiência das línguas e na qual as línguas se interrelacionam e interagem” (op. cit. 2001: 23). Assim, os currículos devem ser considerados a partir do seu papel na educação geral em línguas, na qual as competências não dizem respeito apenas a uma dada língua mas desempenham um

papel transversal e transferível entre as línguas. Este desejado alargamento de horizontes em relação à própria realidade é complementado por objetivos que se prendem com a procura da tolerância para com o diferente, com a aproximação às razões de agir e de atuar do Outro, outra língua, outra cultura.

Em Portugal, as disposições legais que procuram responder à situação de diversidade linguística e cultural (hoje uma realidade nas escolas fruto da mobilidade internacional) vão no sentido de estabelecer projetos curriculares que favoreçam a integração:

Numa sociedade multicultural, como é a portuguesa, o reconhecimento e o respeito pelas necessidades individuais de todos os alunos e, em particular, das necessidades específicas dos alunos recém-chegados ao sistema educativo nacional devem ser assumidos como objeto fundamental através da construção de projetos curriculares que assegurem condições equitativas de acesso ao currículo e ao sucesso educativo.

(Despacho Normativo nº 7 / 2006).

Ainda em relação a Portugal, podemos achar na investigação de Carlinda Leite (2002) um levantamento das políticas educativas para fazer face à multiculturalidade. Desde a Lei 46/1986, que estabelece o princípio do direito à diferença, são exemplos os programas de Educação Intercultural do início dos anos 1990 e, já neste século, a procura de consolidação destes programas, nomeadamente através de redes como a Rede de Ensino Superior em Mediação Intercultural (RESMI), lançada em 2014, e a Rede de Escolas para a Educação Intercultural, uma parceria entre o ACM, a Direção-Geral de Educação e a Fundação Aga Khan Portugal, em 2016. Na mesma linha, o Conselho da Europa lança em 2018, um Volume de Acompanhamento ao Quadro sobre a mediação intercultural que não se restringe apenas à tradução para que o anterior documento remetia, mas antes destaca uma conceção da cultura dinâmica, isto é, em mudança, identifica o papel dos preconceitos e estereótipos na relação interpessoal e social que se medeia, e não ignora as particularidades da Comunicação Intercultural e do conflito interétnico, considerando as inter-relações entre a pessoa, a sua situação e enquadramento cultural, as áreas convergentes e comuns entre os envolvidos, enfim, os fatores que podem desempenhar algum papel na mediação preventiva e de resolução de conflitos ¹.

Por outro lado, os efeitos da mobilidade que apontam para uma interculturalidade efetiva e as perspetivas teóricas do interculturalismo fazem-se sentir no questionamento das essências e da legitimidade da prática de programas de estudo em torno de uma cultura e uma literatura estritamente nacionais organizadas por ordem cronológica. O

¹ Para este assunto ver North (2016) e (2017) ou Sequeira e Boni (2019).

paradigma nacionalista pressupunha a crença numa especificidade nacional e na sua autossuficiência. Ora já em 1827 Goethe pretendia contrapor uma voz dissidente a esta ideia com o seu conceito de literatura-mundo que mais recentemente tem sido objeto de amplo debate nos estudos literários. Para Goethe “literatura nacional” já era um termo sem significado numa altura em que as literaturas nacionais procuravam demarcar a sua especificidade. A sua conceção de textos-mundo aponta para um enquadramento geográfico já não baseado no limite nacional, mas numa entidade mais abrangente tal como um continente ou o mundo ². Assim, o conceito de *Weltliteratur* de Goethe está centrado nas categorias da translocalidade e da humanidade (*der ganzen Menschheit*) que permitem transcender as fronteiras nacionais e atingir a convergência. A literatura-mundo assim entendida seria um conjunto de obras que ultrapassa as fronteiras nacionais e se baseia em valores humanos universais. Já a expressão mais recente de “literatura global” é considerada um modo de circulação e leitura transnacional e não propriamente um cânone de textos. Nesse âmbito, os estudos interculturais são um instrumento útil para promover uma reflexão fundamental sobre relações, diálogo e debate de natureza cultural, tal como defende Espariosu (2006). Deste modo emerge a ideia da impossibilidade de se pensar o mundo na contemporaneidade em termos nacionais e estritamente disciplinares.

O paradigma nacionalista foi, em parte, ultrapassado nos departamentos norte-americanos e já não tanto na tradição europeia, onde as universidades se organizam maioritariamente em torno das línguas e literaturas nacionais. No entanto, os currículos das literaturas e culturas nacionais recorrem cada vez mais a abordagens comparadas e dialógicas, assumindo, com Bakhtin (1981), a orientação da palavra para a relação com os discursos alheios. Deste modo se desfazem os limites de uma área que, na melhor tradição filológica, se revia sobretudo em critérios de ordem nacional para delimitar os seus temas de investigação e de ensino. E, ainda que hoje se reconheçam programas de literatura e cultura a partir de uma abordagem nacional, as expressões “estudos interculturais” ou “estudos literários globais” vêm adquirindo cada vez mais protagonismo. São exemplo disto os programas universitários em espaço alemão que espelham os encontros interculturais e a literatura resultante das migrações, designada por “literatura intercultural” (*Interkulturelle Literatur*). Enquanto a alteridade é, por vezes, associada a uma ameaça ao centro canónico e académico, em suma, àquilo que de melhor a tradição ocidental tem para oferecer, uma discussão teórica profunda decorre em paralelo, procurando situar o lugar da literatura na era da globalização à luz do

² As referências à literatura-mundo, espalhadas pela obra de Goethe, foram reunidas por Fritz Strich (1957).

paradigma intercultural, enquadrando as literaturas nacionais na globalização, como o fazem David Damrosch, Franco Moretti e Pascal Casanova.

3) O desenvolvimento dos Estudos Culturais

O estudo académico da cultura resultou numa disciplina internacional e polissémica. Esta sua qualidade relaciona-se tanto com o termo “estudos” tanto quanto com o termo “cultura”: *“Not only is there no clear consensus over what to study, but also none over how to organize this study”* (Milner e Browitt, 2002: 6).

Efetivamente, a palavra “cultura” é das mais polissémicas em todas as línguas, uma palavra “inflamatória” que participa das guerras culturais segundo Geoffrey Hartman (1997). Nesta guerra ou oposição, os tradicionais Estudos Literários estariam do lado elitista e os Estudos Culturais do lado popular. Porém o seu objeto de estudo não tem permanecido invariável, desde o estudo da cultura de massas até ao estudo das lutas por significação e dos processos identitários. Numa primeira fase dominada por questões ideológicas, no seguimento das investigações de Raymond Williams, as relações entre a cultura e o poder eram a preocupação central. Numa fase posterior, os Estudos Culturais confundem-se de certo modo com os Estudos Pós-Coloniais ou Estudos de Género na sua preocupação política de estudar as condições históricas de produção caracterizadas pela opressão política, social e psicológica, significando assim uma espécie de redenção do imperialismo cultural, conforme observa Peter Kalliney (2013), situando-se os termos local e global na geopolítica da identidade como bem refere Chun Allen (2009). É compreensível esta sobreposição que não ignora as subculturas, assim considerando assuntos tradicionalmente afastados da academia. E se as anedotas sobre o estudo destes temas podem ocorrer por vezes, não é de depreciar o que os Estudos Culturais têm conseguido:

The jokes that claim that some forms of cultural studies developed to give academics an intellectual justification for watching SOAP OPERAS or listening to their favorite rock music are perhaps not entirely without foundation. Such half-humorous criticisms should not, however, distract from the real importance and major achievements of cultural studies. [...] Cultural studies starts out from the proposition that culture is ordinary in that it informs every aspect of day-to-day life; it demonstrates beyond doubt that culture is also very important indeed.

(Macey, 2000: 78)

Talvez que a abordagem descentrada que os Estudos Culturais promovem seja a mais adequada para o estudo das obras coletivas que caracterizam artefactos ou produções artísticas da sociedade atual - *“Whatever its texts from popular culture or the canon, its object is not transcendent but immanent, not art but artifacts, not creation but*

production” (Easthope, 1991: 166) – uma abordagem necessariamente descentrada e multidisciplinar:

As has been argued, to understand a magazine advertisement requires methods and terms of analysis brought together *unevenly* from semiology (the visual text as operating through denotation and connotation), sociology (the institution of advertising in relation to readers and audience groups), historical materialism (the advertising as ideological intervention), psychoanalysis (the text as offering distinct positions to masculine and feminine readers through mechanisms of identification and desire), philosophy (the text as structured through binary oppositions).

(Easthope, 1991: 171)

Em vez da identificação com o seu objeto (contrariamente ao que sucedia com o estudo tradicional da literatura) os Estudos Culturais questionam-no, por outras palavras, direcionam-se para uma verdadeira teoria crítica. Um exemplo disto, é a via de investigação da esfera pública contra a globalização dos mercados culturais ou comoditização de produtos: “*Hence the commitment to a cultural policy studies based on ‘critical and communicative rationality’*” (Milner e Browitt, 2002: 221).

----- * -----

Estes desenvolvimentos contribuíram para o estabelecimento do campo da Comunicação Intercultural que, enquanto domínio de investigação, também seguiu um modelo teórico interdisciplinar de relações e interações interculturais na comunicação, pois esta relaciona-se com a cultura: “as relações entre a cultura e a comunicação são tão complexas que até mesmo expressá-las é difícil: ao mesmo tempo em que a comunicação permite a existência da cultura, a cultura condiciona a forma como comunicamos” (Ferrari, 2015: 51). A Linguística moderna considera a relação estreita entre Língua e Cultura, reconhecendo que os conhecimentos culturais tornam possível a utilização adequada da língua enquanto comunicação, estando assim ligados à compreensão da situação de comunicação e do Outro.

A investigação do grupo da Comunicação Intercultural no CEMRI - Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta, por exemplo, tem-se dedicado ao estudo da interação pessoal e social em contextos diferenciados, ao estudo das linguagens e literacias, abordando questões ligadas à inclusão digital, ao plurilinguismo e pluriculturalismo, às competências comunicativas interculturais, à mediação intercultural, a processos identitários e representações do Outro e à educação e ao diálogo intercultural, especialmente nas relações Oriente e Ocidente.

A metodologia intercultural nos Estudos Literários representa até, na opinião de Claudio Guillén (2001: 397), um salto qualitativo pelo modo comparativo e dialógico de compreensão. Desta perspectiva decorre um aspeto que merece ser sublinhado: a importância da alteridade ou diferença na linha do que Hall sublinhava já em *The Silent Language* (1959) quando lançou os fundamentos da Comunicação Intercultural ao afirmar que um dos modos mais efetivos de aprender algo sobre si próprio é considerar seriamente as culturas alheias e que a melhor razão para estudar a cultura é aprender algo útil e esclarecedor (Hall, 1959: 31). Na mesma linha, diria Robert Galisson mais tarde: “A diferença, com efeito, abre a possibilidade dos possíveis, familiariza com o estranho, dilata o olhar do indivíduo às dimensões da espécie” (Galisson, 1997: 145), arrancando o indivíduo ao seu quotidiano absoluto (*id.*: 147).

A Comunicação Intercultural resultou, portanto, dos trabalhos iniciais de E. T. Hall que tiveram a sua primeira aplicação nos contextos supra referidos, isto é, na preparação de diversos públicos para o contacto com indivíduos de diferentes línguas e culturas. Assim, muitos modelos de competências interculturais não incluem a dimensão linguística, por exemplo, o modelo muito divulgado de Bennett e Bennett. Em contrapartida, outros modelos usados por professores de línguas estrangeiras já assentam na comunicação e retomam a famosa frase de Hall, “*Culture is communication*”, nomeadamente o modelo de Byram com grande impacto neste domínio.

O modelo de Byram aproveitou a lição dos Estudos Culturais noutra ponto que consiste na reabilitação do impulso crítico para além da mera educação nas línguas. Byram, que participou na conceção do Quadro Europeu do Conselho da Europa, centra o seu modelo na “consciência crítica cultural” e na “educação para a cidadania” (Byram et al. 2017: 252). Estas implicam analisar criticamente tópicos complexos e tomar parte em ações cívicas nas suas próprias comunidades interculturais e transnacionais desenvolvendo capacidades comunicativas na língua de aprendizagem (*ibidem*).

A eventual perda de integridade dos Estudos Culturais e, conseqüentemente, da Comunicação Intercultural, também ela permeável a muitas disciplinas desde a Linguística e Comunicação até à Antropologia e Estudos Sociais, é compensada pelo seu caráter compreensivo e pela evidência do caráter relacional de todo o sentido. Quanto mais amplo for o campo de estudo mais adequadamente se fará a contextualização necessária para um melhor esclarecimento de aspetos da existência humana à luz de valores, interações e produções artísticas. As reflexões de Todorov e de Frey, quando consideram o cruzamento de culturas, deixam claro que o intercultural é constitutivo do fenómeno cultural na medida em que uma cultura não evolui senão através da mestiçagem cultural e da transvaloração (Todorov), isto é, do autoexame a

partir de um olhar informado pelo contacto com o Outro e com a sua cultura, com textos literários e artefactos artísticos que remetam para a alteridade. A pedagogia intercultural (Preteceile, 2011) enfatiza muito mais a relação do eu com o Outro do que propriamente incide sobre o Outro, constituindo um terceiro espaço (Bhabha, 1994). Os tópicos interdisciplinares e interculturais no âmbito das Humanidades são assim uma resposta à emergência de uma cultura global a partir desta metodologia.

Em suma, as “novas humanidades” reclamam uma interculturalidade que não é apenas disciplinar, ao permitir o cruzamento entre áreas do saber outrora distintas, mas se constitui como a sua ontologia que não significa hibridismo superficial ou epidérmico, mas antes a capacidade de compreensão do Outro através do contacto com outros mundos, outras línguas, outros mitos. O saber das Humanidades não pode deixar de ser um saber dialógico, assente numa atitude de interrogação e disponibilidade, uma “consciência crítica” que pode dar um grande contributo para um paradigma holístico, complexo e reunificador tal como Edgar Morin (1990) o descreve. E, tal como também aponta Edgar Morin, não é de desprezar o papel das Humanidades na criação de mundos alternativos precisamente pela capacidade inventiva que estas promovem.

Referências bibliográficas:

Allen, Chun, 2009, “On the geopolitics of identity”, *Anthropological Theory*, (9), 3, pp. 331-349. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1463499609348245>

Bhabha, Homi, 1994, *The Location of Culture*, London: Routledge.

Bakhtin, M. 1981, *The Dialogic Imagination*, University of Texas Press.

Byram, Michael, et al., (ed.s), 2017, *From principles to Practice in Education for Intercultural Citizenship*, Languages for Intercultural Communication and Education, Bristol / Buffalo / Toronto: Multilingual Matters.

Conselho da Europa, 2001, *Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa. Disponível em: http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf.

Conselho da Europa, 2018, *The common European framework of reference for languages: learning, teaching and assessment. Companion volume with new descriptors*. Estrasburgo: Conselho da Europa. Disponível em: <https://tinyurl.com/ybjrszaa>

Deardorff, Darla, 2009, “Synthesizing Conceptualizations of Intercultural Competence: A Summary and Emerging Themes” in Darla. Deardorff (ed.), *The Sage Handbook of Intercultural Competence*, Los Angeles / London / New Delhi / Singapore / Washington DC: Sage Publications, pp. 477-490. Disponível em: https://www.ucg.ac.me/skladiste/blog_7764/objava_67219/fajlovi/Interkulturalna%20kompetencija.pdf

Easthope, Antony, 1991, *Literary into Cultural Studies*, London / New York: Routledge.

Ferrari, M. Aparecida, 2015, “Comunicação Intercultural: perspectivas, dilemas e desafios” in Moura, C. e M.A. Ferrari (orgs), *Comunicação, interculturalidade e Organizações: Faces e dimensões da contemporaneidade*, Rio Grande do Sul: ediPUCRS, pp. 43-63. In: <https://abrapcorp.org.br/wp-content/uploads/2021/04/2015-Comunicacao-Interculturalidade-e-Organizacoes.pdf>

Galisson, Robert, 1997, “Problématique de l'éducation et de la communication interculturelles en milieu scolaire européen”, *ELA-Études de Linguistique Appliquée*, 106, abril-junho, pp. 141-160.

Guillén, Claudio, 2001, “Entre o uno e o diverso: introdução à literatura comparada”, in Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão (org.s), *Floresta encantada*, Lisboa: Dom Quixote, p. 385-409.

Hall, Edward, 1959, *The Silent Language*, Garden City, NY: Doubleday. Disponível em: https://monoskop.org/images/5/57/Hall_Edward_T_The_Silent_Language.pdf

Hall, Edward, 1969, *The Hidden Dimension*, Garden City, NY: Anchor / Doubleday. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/quadro_europeu_comum_referencia.pdf

Hartman, Geoffrey, 1997, *The fateful question of culture*, New York: Columbia University Press.

Kalliney, Peter, 2013, *Commonwealth of letters. British literary culture and the postcolonial aesthetics*, Oxford: Oxford University Press.

Leite, Carlinda, 2002, *O currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lévy, Pierre, 1999 [1997], *Cibercultura*, tradução de Carlos Irineu da Costa, S. Paulo: Editora 34.

Macey, David, 2000, *The Penguin Dictionary of Critical Theory*, London: Penguin Books.

Milner, Andrew e Browitt, Jeff, 2002, *Contemporary Cultural Theory*, London: Routledge.

Morin, Edgar, 1990, *Introduction à la pensée complexe*, Paris: Seuil.

New Museum of Contemporary Art, 2011, *Rethinking Contemporary Art and Multicultural Education*, New York: New Museum.

North Brian, 2016, “Developing CEFR illustrative descriptors of aspects of mediation”, *International Online Journal of Education and Teaching (IOJET)*, 3(2).pp. 132-140. Disponível em: <http://iojet.org/index.php/IOJET/article/view/125/131>

North, Brian, 2017, “Mediation and the CEFR: descriptors for an undervalued concept”, *6th Bremen Symposium*, February, pp. 24-25, Disponível em: https://mlecture.unibremen.de/ml/index.php?option=com_mlplayer&template=ml2&mlid=4016

Preteceile, Martine 2011, “La pédagogie interculturelle: entre multiculturalisme et universalisme” in: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9835.pdf>

Samovar, L. e R. Porter, 2007, *Communication between cultures*, Belmont, C.A.: Thomson Wadsworth.

Sequeira, Rosa Maria, 2016, “Interculturalidade crítica e globalização” in Marcelo Luna (org.), *Internacionalização do currículo. Educação – Interculturalidade – Cidadania Global*, Campinas: Pontes Editores, pp. 55-70.

Sequeira, Rosa Maria e Valéria Vaz Boni, 2019, “Os contornos da mediação intercultural na educação contemporânea: delineamentos e projeções” in Ana Maria Silva, Isabel Macedo e Sílvia Cunha (ed.s), *Contextos e práticas de mediação*, Centro de Estudos Comunicação e Sociedade, Minho, Universidade do Minho, pp. 395-408. ISBN: 978-989-8600-80-6. E-book. Disponível em: http://lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/index/

Shuter, Robert, 2012, “Intercultural new media studies: The next frontier in intercultural communication”, *Journal of Intercultural Communication Research*, 41(3), 219-237.
Springer, C., 2010, La dimension sociale dans le CECR : pistes pour scénariser, évaluer et valoriser l'apprentissage collaboratif. *The Canadian Modern Language Review*, 66(4), 511–523. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/cmlr.66.4.511>

Spariosu, Mihai, 2006, *Remapping knowledge. Intercultural Studies for a global age*, New York / Oxford: Berghahn Books. Disponível em: https://www.berghahnbooks.com/downloads/OpenAccess/SpariosuRemapping/9781785336614_OA.pdf

Strich, Fritz (1957). *Goethe und die Weltliteratur*, Bern: Francke Verlag, pp. 397-400.

Todorov, Tzvetan, 1990, “El cruce de las culturas”, *Crerios*, 25-28, pp. 3-19.
Disponível em: <https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/elcruce delas culturas.pdf>.